

Janelas para entender a migração de aves

Paulo de Tarso Zuquim Antas

*PTZA Consultoria em Meio Ambiente ME. Rua Prof. Souto Maior 54/1905, Casa Amarela, Recife, PE 52051-240.
Correspondencia: ptzantas@gmail.com*

Um dos fenômenos naturais que mais nos impressionam é a migração de aves, seja aquelas que atravessam o globo terrestre, seja pela capacidade de anualmente as aves envolvidas retornarem aos mesmos locais e no mesmo período do ano. Ao longo da história da nossa espécie no planeta sempre buscamos formas para entender essas migrações. Na Grécia Clássica formulou-se inclusive a hipótese da transmutação. Já que algumas espécies de aves desapareciam durante o inverno e outras tantas só eram vistas nesse período do ano, pareceu lógica a ideia de que elas mudavam sua aparência física para outra espécie quando estavam ausentes.

A marcação de indivíduos para estudar a migração esteve sempre presente

no decorrer dos séculos e milênios. Até chegarmos no final do século XIX no anilhamento usando as anilhas com ligas de alumínio colocadas nas pernas das aves e numeradas para individualizá-las, passamos por fios amarrados em uma das pernas, tecidos coloridos e até anilhas de ouro (obviamente pelo preço, poucos indivíduos marcados).

No século XX tivemos outro avanço com o domínio dos derivados de petróleo e anilhas coloridas de plástico passaram a ser utilizadas para a detecção dos indivíduos marcados sem a necessidade de capturá-los. A observação da combinação de cores era suficiente para tanto. A fotografia, outra invenção com enorme expansão no mesmo século, começou a ser uma

contribuinte importante na obtenção dos dados necessários em termos das anilhas coloridas.

Por uma dessas coincidências da vida, quando realizava um trabalho de censo de maçaricos (aves das famílias Charadriidae e Scolopacidae) com reprodução no Ártico canadense nas Reentrâncias Maranhenses no final dos anos 1980, tive oportunidade de fotografar um indivíduo perto de Turiaçu, MA, com anilha colorida. Essa ave havia sido marcada durante o trabalho que havíamos feito no Parque Nacional da Lagoa do Peixe (RS) duas semanas antes. Foi o primeiro registro de uma conexão direta durante a migração de retorno ao Ártico de duas áreas fundamentais para a conservação dessa e outras espécies com migração entre os extremos das Américas.

A fotografia, porém, não ficou estática como tecnologia e ao início do atual século a entrada das máquinas digitais proporcionou um novo salto de qualidade. Dessa vez, mais do que um salto, parece um vórtice tecnológico, tal a velocidade estonteante de evolução dos equipamentos e meios. Alguns celulares

hoje possuem capacidades inimagináveis há poucos anos na produção de fotos.

Eis que em outro trabalho com o corta-águas ou talha-mar *Rynchops niger* (família Rynchopidae), uma espécie de ave migratória, agora no Pantanal (MT), a fotografia digital mostrou-se de extrema importância. A cada ano há um período natural de cheia dos rios pantaneiros, como outros do Brasil Central, quando cobrem completamente as praias e grande parte da planície do Pantanal. Também de forma natural, mas variando o período conforme a porção da planície pantaneira, há uma baixa dessas águas com a estação seca do meio do ano no centro do país. Ao baixarem as águas, um grupo de aves adaptadas a essa flutuação ocupa as praias para fazerem seus ninhos. São colônias espetaculares em alguns pontos, atraindo os turistas interessados na natureza. Ao começarmos nossos trabalhos na RPPN SESC Pantanal em Barão de Melgaço (MT) não se tinham muitos mais detalhes da sua movimentação após o início das cheias anuais.

Usamos a tecnologia de estudo corriqueira nesses trabalhos, anilhando o

máximo possível de filhotes e aguardando o retorno dessa informação. Em geral, as pessoas encontram casualmente indivíduos marcados e comunicam esse achado ao endereço de contato impresso na anilha. No caso do Brasil, ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE) do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O CEMAVE é, há 40 anos, a instituição responsável pela coordenação do anilhamento de aves na natureza no Brasil.

Eis que para nossa surpresa, a primeira recuperação (ou seja, o retorno de dados de uma anilha) fora do Pantanal foi feita graças à fotografia digital. Em março de 2008, Javier Canevari, um fotógrafo de natureza da Argentina, enviou para o CEMAVE uma série de fotos de um corta-águas ou talha-mar *Rynchops niger* (Rynchopidae) onde se podia ler com nitidez todos os números e letras impressos na anilha. Feita na costa da província de Buenos Aires, a fotografia foi a primeira constatação científica de que os indivíduos dessa espécie nascidos no Pantanal migravam para a costa marítima daquele país.

Outras aves anilhadas foram depois também encontradas na região da foz do rio da Prata e do sul do Brasil (por coincidência, novamente no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, como no caso do maçarico maranhense, uma das áreas mais importantes para aves aquáticas e marinhas do país). Fotos feitas por diferentes pessoas contribuíram nesse avanço.

Em um banco de fotografias online (Wikiaves, 2008) foi possível detectar outros tantos corta-águas portando anilhas e fotografados em diferentes pontos do país. Em alguns casos, a anilha estava nítida e mais informações foram obtidas.

Chegou então o momento de explorarmos mais essa ferramenta em nossos trabalhos na RPPN SESC Pantanal. Em agosto de 2012 convidamos o fotógrafo de natureza de Brasília, Amaro Alves, para nos acompanhar em campo e nos auxiliar a fotografar aves anilhadas. Graças ao empenho e técnica de Amaro, em campo e no uso de programas como o Photoshop, conseguimos obter registros positivos de diferentes indivíduos. Mais uma mostra de que a fotografia pode atuar como

ferramenta de pesquisa em estudos ornitológicos, auxiliando, por exemplo, na obtenção de dados de longevidade e retorno de indivíduos (Fig. 1).

Muitos dos resultados obtidos foram publicados em Antas et al., (2016). Além das aves anilhadas fotografadas por nós, diversas outras foram obtidas através dos hóspedes do Hotel SESC Porto Cercado durante os passeios fluviais diários. Um cartaz indicando a importância dessas fotografias para o nosso trabalho foi feito pelo SESC com endereço de contato para

envio das fotos e colocado nas áreas comuns do hotel.

Em paralelo, nesse ano na região do Parque Nacional Manu na Amazônia peruana, a fotografia trouxe novos dados fundamentais para o estudo do corta-águas. Um trabalho de marcação da espécie, feito por pesquisadores norte-americanos e peruanos, utilizou também anilhas coloridas em indivíduos do mesmo casal. Na estação reprodutiva de 2017, fotografias feitas nas praias pelos guardaparques e outras pessoas mostraram que

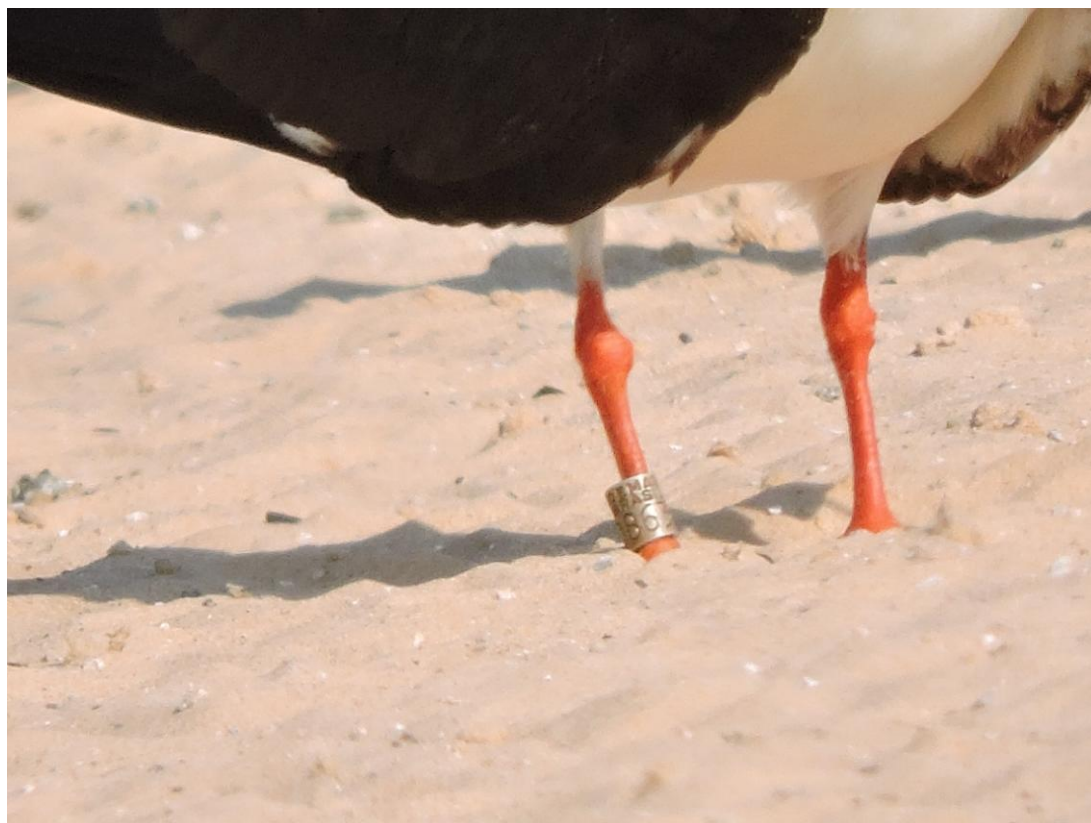


Fig. 1. Exemplo de como uma fotografia pode possibilitar a leitura da anilha sem a necessidade de capturar o indivíduo. Fonte: Antas, PTZ.

havia a manutenção dos laços reprodutivos em estações diferentes, uma informação nova para essa ave.

Esses registros mostraram uma área cujo avanço em termos de conhecimento é beneficiário direto da fotografia com uso científico, mesmo quando foi feita sem esse intuito primário. Como toda ferramenta, sua utilidade vem sendo cada vez mais ampliada no estudo das aves migratórias ou de aves sedentárias. Os ganhos vão desde o conhecimento acadêmico sobre as espécies até a sua utilização para a conservação das aves. No caso da RPPN SESC Pantanal, fica clara a sua importância como área reprodutiva de uma população continental. Igualmente, fica clara a necessidade de conservar os processos ecológicos das quais essa ave depende no litoral sul do Brasil até a foz do rio da Prata

na Argentina, pelo menos. Além da necessidade de entender seus movimentos entre os dois extremos para avaliar como essas regiões intermediárias, se existentes, atuam para a manutenção de atrativos espetaculares do turismo ecológico no Pantanal, no Parque Nacional da Lagoa do Peixe e na foz do rio da Prata.

REFERÊNCIAS

- Antas PTZ, Carrara LA, Ubaid FK, Oliveira-Júnior SB, Ferreira LP. 2016. Conhecendo o Pantanal, no. 10: Aves coloniais das praias da Reserva Particular Natural Sesc Pantanal. Rio de Janeiro (RJ): Sesc, Departamento Nacional. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/publicacoes/sesc/series_e_colecoes/conhecendo_o_pantanal_10/conhecendo_o_pantanal_10>. Acesso em: 12/09/2017.
- WikiAves. 2008. WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em: 01/05/2017.